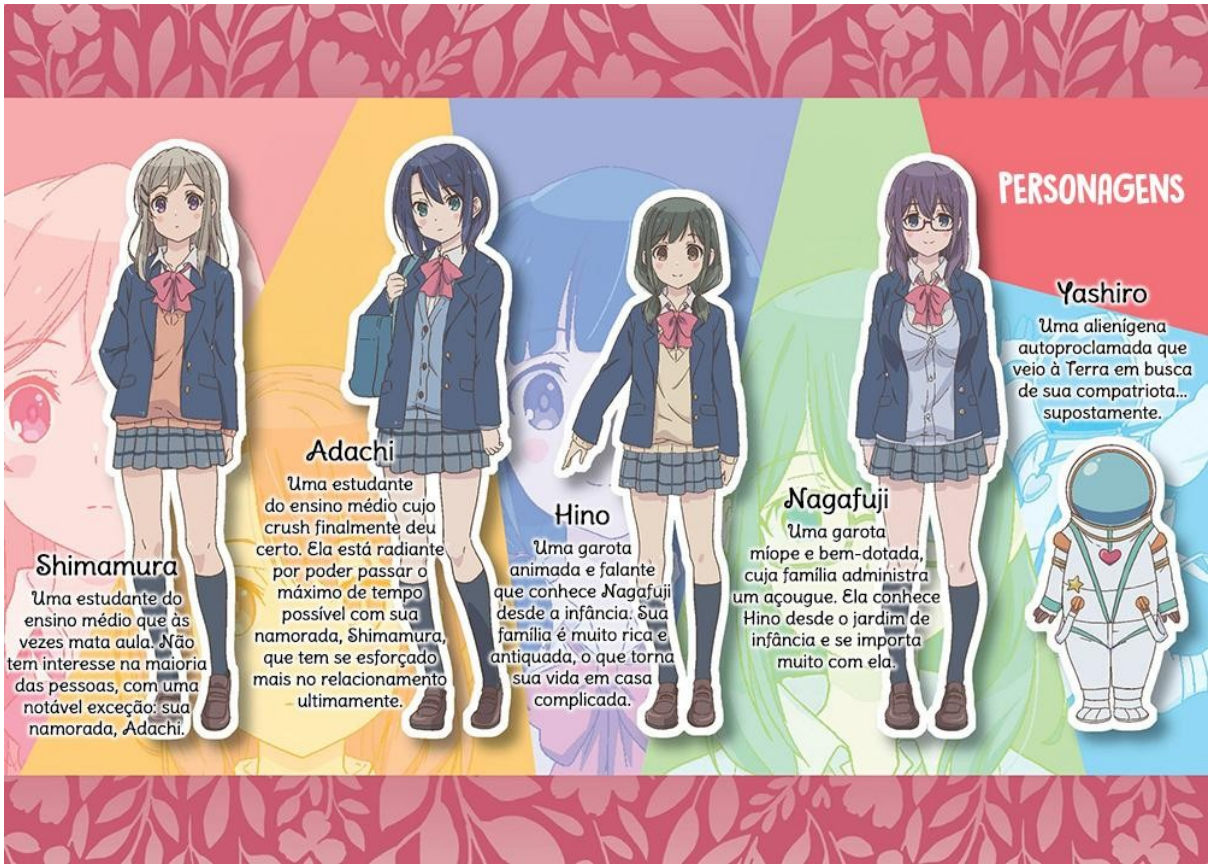
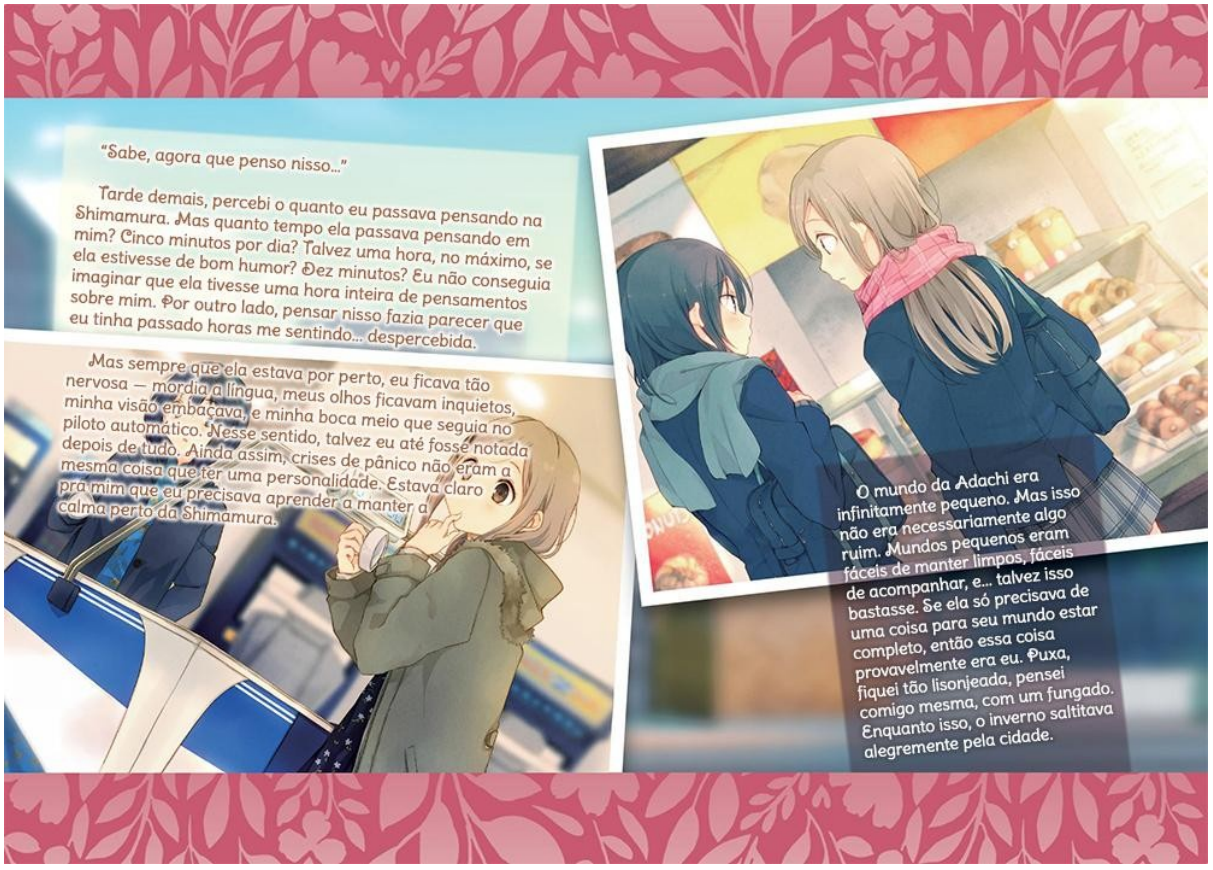

PERSONAGENS
Shimamura
Uma estudante do ensino médio que às vezes mata aula. Não tem interesse na maioria das pessoas, com uma notável exceção: sua namorada, Adachi.
Adachi
Uma estudante do ensino médio cujo crush finalmente deu certo. Ela está radiante por poder passar o máximo de tempo possível com sua namorada, Shimamura, que tem se esforçado mais no relacionamento ultimamente.
Hino
Uma garota animada e falante que conhece Nagafuji desde a infância. Sua família é muito rica e antiquada, o que torna sua vida em casa complicada.
Nagafuji
Uma garota míope e bem-dotada, cuja família administra um açougue. Ela conhece Hino desde o jardim de infância e se importa muito com ela.
Yashiro
Uma alienígena autoproclamada que veio à Terra em busca de sua compatriota... supostamente.


"Sabe, agora que penso nisso..."
Tarde demais, percebi o quanto eu passava pensando na Shimamura. Mas quanto tempo ela passava pensando em mim? Cinco minutos por dia? Talvez uma hora, no máximo, se ela estivesse de bom humor? Dez minutos? Eu não conseguia imaginar que ela tivesse uma hora inteira de pensamentos sobre mim. Por outro lado, pensar nisso fazia parecer que eu tinha passado horas me sentindo... despercebida.
Mas sempre que ela estava por perto, eu ficava tão nervosa — mordia a língua, meus olhos ficavam inquietos, minha visão embaçava, e minha boca meio que seguia no piloto automático. Nesse sentido, talvez eu até fosse notada depois de tudo. Ainda assim, crises de pânico não eram a mesma coisa que ter uma personalidade. Estava claro pra mim que eu precisava aprender a manter a calma perto da Shimamura.
O mundo da Adachi era infinitamente pequeno. Mas isso não era necessariamente algo ruim. Mundos pequenos eram fáceis de manter limpos, fáceis de acompanhar, e... talvez isso bastasse. Se ela só precisava de uma coisa para seu mundo estar completo, então essa coisa provavelmente era eu. Puxa, fiquei tão lisonjeada, pensei comigo mesma, com um fungado. Enquanto isso, o inverno saltitava alegremente pela cidade.

"Ah, Shimamura."

Eu estava a caminho de casa depois da escola quando ouvi alguém me chamar. Curiosa, me virei e vi um rosto familiar andando de bicicleta.

O fato de eu ter parado imediatamente fez com que o vento de inverno batesse na parte de trás das minhas coxas, me lembrando dolorosamente do frio ao meu redor.

"Opa. Quanto tempo", levantei a mão e cumprimentei a garota. Ela era alguém que eu conhecia do ensino fundamental. Mais precisamente, eu tinha sido uma espécie de mentora para ela no clube de basquete que frequentávamos.

O nome dela era... err... como era mesmo? Eu sempre fui péssima em lembrar o nome das pessoas.

De qualquer forma, eu tinha quase certeza de que havia um "Yama" no nome dela. Yama... kawa? Hmm, não. Isso não soava certo. Tana... ka? Tanto faz. Vou ver se consigo lembrar.

"Você sempre morou por aqui, Shimamura?"

"Sim."

Bastava olhar para o uniforme dela para perceber que estudava em um colégio diferente do meu.

"Você ainda joga basquete na sua nova escola?"

"Não. Na verdade, não participo de nenhum clube."

"Sério mesmo? Eu ainda jogo, pelo menos por enquanto. Não é como se eu estivesse levando a sério nem nada."

"Certo."

A única razão pela qual eu tinha escolhido jogar basquete era porque estava curiosa para saber por que existia um clube feminino de basquete, mas não de beisebol ou futebol. Isso e o fato de que, enquanto quicar uma bola no chão durante a aula de educação física normalmente rendia uma bronca do professor, durante os treinos ninguém ficava bravo comigo por fazer isso. Fora isso, eu estaria perfeitamente bem fazendo balé ou algo parecido.

Havia algo muito sedutor nessa ideia de poder fazer algo que normalmente era proibido. Tão sedutor que acabei escolhendo meu clube no ensino fundamental com base nisso.

Olhando para trás agora, é mesmo estranho, não é?

Se hoje em dia me dessem permissão pra fazer algo assim, provavelmente eu só diria "Não, obrigada" e iria dormir.

Mas enfim, chega disso. Me peguei bastante surpresa enquanto olhava para a garota. *Ela realmente tinha crescido bastante desde o ensino fundamental, não é?*

"Você ficou bem mais alta."

Na hora, minhas palavras foram respondidas com a garota acenando com a mão na frente do rosto, seguida de uma risadinha rápida.

"E você ficou bem mais redonda", ela então comentou, ainda segurando o guidão da bicicleta.

"Você acha?"

"Não, mas ouvi dizer que, naquela época, se alguém falasse mal de você, você dava um chute na pessoa."

"Você deve ter ouvido errado."

Eu nunca tive coragem o suficiente pra recorrer à violência. Era preciso muita força de vontade para bater em alguém — uma força que eu não tinha.

Sendo tão mole quanto eu era, esse tipo de coisa estava completamente fora do meu alcance.

"Mas eu sei, com certeza, que você nunca passava a bola pra quem não gostava."

"Hmm... É, acho que eu fazia isso mesmo..."

Acabei murmurando essa parte. Por quê? Porque havia muitas coisas no meu passado que eram tão vergonhosas que eu preferia nem tocar nelas.

"Preciso perguntar, você arrumou alguém? Tá tão diferente agora."

"Hã?"

"Ah, vai, você sabe do que eu tô falando. Isso aqui."

Rindo sozinha, a garota me mostrou o dedo do meio.

"Tá querendo arrumar briga?"

"Ah, droga. Qual dedo que era mesmo..."

“Esse? Ou esse aqui?” ela murmurava enquanto ia passando por cada um dos dedos. Ela até levantou o dedo anelar, e eu me perguntei como ela conseguia fazer aquilo mantendo os outros abaixados. Eu certamente não conseguia.

Fui tentar fazer também, mas tudo que consegui foi fazer meus dedos tremerem.

Deixando isso de lado, agora estava claro o que a garota estava querendo saber algo sobre mim.

"Hmm... Vai saber."

Sim, eu arrumei uma namorada. Embora isso fosse verdade, não consegui evitar de pensar em como ela reagiria se eu dissesse isso pra ela. Será que ficaria me encarando, chocada, com os olhos arregalados? Provavelmente.

"Acho que eu só amadureci ou algo assim."

"Haha."

E essa risada, significava o quê? Ela ficou impressionada comigo? Vou assumir que sim.

Outra rajada de vento frio logo atacou minhas pernas, fazendo meu corpo tremer. A garota pareceu perceber isso também.

"Bom, de qualquer forma. Tchau."

"É. Tchau."

Acenamos uma pra outra antes de seguirmos caminhos opostos. Ela era bem sutil. Eu com certeza lembrava de conversar bastante com ela durante os treinos.

Err... Nakayama. É, isso parece certo.

"No fim das contas, qual dedo que era mesmo? Hmm..."

O suspiro que escapou da minha boca foi acompanhado por mais uma rajada de vento.

Decidi que, se a gente se encontrasse de novo algum dia, eu contaria para ela. Mas, pensando bem, parecia bem improvável que isso fosse acontecer.

Eu passava a maior parte dos meus dias sem fazer nada de especial, e por isso, encontros como esse eram bem raros. Além disso, minha atitude ruim naquela época não deixou muitos colegas querendo retomar contato comigo agora.

"Como eu era imatura, sério."

Eu reagia rápido demais, quase exageradamente. Ao mesmo tempo, sentia que minha força de vontade era bem maior do que é hoje.

Será que algo assim já tinha acontecido com a Adachi enquanto ela andava pelas ruas da cidade onde morávamos? Embora eu não pudesse afirmar com certeza, tinha que presumir que não. O mundo da Adachi era tão pequeno. E, mesmo assim, não dava pra dizer que isso era necessariamente algo ruim. Ter um mundo pequeno tornava todo tipo de organização bem mais fácil. Você também podia olhar ao redor e ver tudo de uma vez. *Hmm, é... Talvez isso fosse mesmo o ideal.*

Um mundo que precisasse de apenas uma *coisinha*, e nada mais.

E essa "coisinha", claro, seria eu. Senti meu nariz dar uma leve fungada ao pensar nisso, enquanto minhas bochechas ficavam levemente quentes.

O inverno havia chegado à cidade.

"Bam!"

Continuei andando, distraída em meus pensamentos, quando, de repente, alguém esbarrou no meu ombro. Cambaleei por um instante, mas logo percebi quem era.

"Ah, Shima-Shima."

Era a Nagafuji, que também parecia bem surpresa, sabe-se lá por quê. O esbarrão fez os óculos dela escorregarem do nariz, e agora ela estava ocupada tentando ajustá-los de novo.

Considerando onde ela morava, não era comum nos encontrarmos tão perto da minha casa.

"Você viu a gente conversando?"

"Só a parte em que você deu um tapa nela."

"Err, não. Nada disso aconteceu."

Às vezes eu me pegava pensando: *como será que o mundo ao redor dela aparecia através dos seus olhos? Será que as lentes dos óculos dela não tinham a graduação certa? Ou talvez houvesse algo mais sério de errado com a visão dela.*

Seja como for, eu tinha que admitir: era bem raro vê-la sozinha. Tendo aparentemente notado minha expressão de dúvida, Nagafuji logo se apressou em explicar, desenhando com a mão o contorno de uma pessoa ao seu lado. Era o contorno da Hino. A Hino de vento.

"A Hino me expulsou. Disse que tinha afazeres domésticos pra fazer."

"Ela jogou o lixo pra fora? Não posso dizer que aprovo."

O que exatamente aquilo queria dizer? Nem ideia. Eu só falei por falar. E mesmo assim, consegui arrancar alguns acenos positivos da Nagafuji. Eu realmente tinha dificuldade em entender ela às vezes — ou melhor, na maior parte do tempo.

Voltando ao que ela tinha dito, Hino ocupada com as tarefas de casa, hein? Parecia algo bem comum vindo dela. Apesar da personalidade dela me fazer ignorar esse tipo de coisa na maioria das vezes, bastava parar para pensar um pouco que dava para perceber claramente que a família dela vivia em um nível bem diferente do nosso. Naturalmente, isso trazia uma série de compromissos e obrigações. Não que a Nagafuji parecesse se importar. Não mesmo. Ela sempre aparecia lá na casa dela como se não tivesse nada de estranho nisso.

"Enfim, tô só vagando por aí agora, já que não tenho nada melhor pra fazer."

"Honestamente, era mais ou menos o que eu esperava."

Ela fazer as coisas sem nenhum motivo real por trás — isso era bem típico dela. Agora, o que será que ela achava de tão interessante ou divertido em ficar vagando por uma área residencial? Isso eu não sabia dizer.

“Trim-trim”, Nagafuji tocou a campainha da bicicleta enquanto eu pensava. Ou melhor, não tocou; ela nem estava com uma bicicleta. Parecia mais que estava imitando a garota com quem eu tinha conversado mais cedo. Por que ela estava fazendo isso? De novo, não faço ideia. Seja como for, ela decidiu copiar até a fala que vinha depois: “Você tá mais redonda.”

“Onde?”

“Hmm…”

Minha pergunta foi respondida com ela beliscando meu braço. *Ei!*

“Parece que me enganei.”

“Oba.”

“Não que eu saiba como você era no passado.”

Era de se esperar.

“Ei, Shimama.”

“Desculpa se isso soar estranho, mas você sabe mesmo qual é o meu nome de verdade?”

“Claro. É Shimacchi.”

Então, a resposta era não, né?

“Hmm, hmm… É! Não tenho nada a acrescentar.”

“Oba.”

O que raios estava acontecendo com essa conversa? Era isso que a Hino enfrentava todo santo dia? Tudo parecia tão improdutivo para mim.

Por outro lado, pensando bem, o que exatamente conta como uma conversa produtiva?

A maioria das que eu tinha com a Adachi também não eram lá muito significativas.

“Se eu pensar em algo depois, te aviso.”

“Sério mesmo?”

Dessa vez, fui eu quem acabou imitando a garota de antes. Quanto à Nagafuji, bem, ela simplesmente se virou e saiu correndo.

“Ah, quase esqueci. Ei, Shimamama!”

Ela já tinha ido bem longe quando se virou pela segunda vez e gritou meu nome — ou melhor, algo que se parecia com ele.

“Sim?”

“Oooooh!”

Essa exclamação animada foi seguida por ela levantando o dedo do meio pra mim. *O quê?* Fiquei bastante confusa no começo, mas depois de alguns segundos pensando a respeito, decidi responder com o mesmo gesto.

Isso pareceu ser o suficiente para satisfazer a Nagafuji. Ela assentiu algumas vezes com a cabeça antes de sair correndo de vez.

“O que foi isso, afinal?”

Ela era realmente tão avoada assim? Ou havia algo a mais por trás disso?

Não pude evitar de pensar que eu provavelmente teria odiado ela se a tivesse conhecido no ensino fundamental.

Eu costumava detestar pessoas como ela, que estavam sempre brincando.

Mas agora, não mais. Não, agora isso só me fazia rir. Eu havia aceitado totalmente a pessoa que me tornei.

Enfim, vamos mudar de assunto.

“Tô tão cansada agora.”

Interagir com as pessoas era mesmo exaustivo. E pior: eu tinha lidado não com uma, mas com duas delas.

Infelizmente, apesar de tudo isso, eu não havia perdido nem um grama.

***

Baixei a cabeça, e minha mente também pareceu baixar junto.

Como se estivesse enterrada sob uma camada de neve, o frio do inverno me envolvia por completo.

Essa era a situação. Ou, para colocar de forma menos poética, eu estava com muito frio e muito cansada.

Meus movimentos estavam cada vez mais lentos, tanto que, de certo modo, parecia que eu tinha virado algum tipo de animal pecilotérmico.

Quantas vezes eu já tinha resmungado “que frio” enquanto tirava o uniforme depois de chegar em casa? Pelo menos uma dúzia. E pra piorar, o aquecedor da casa mal parecia estar funcionando. Quero dizer, claro, eu também não estava me esforçando muito, mas bem que a casa podia ter a decência de ser melhor que a dona. Falando nisso, embora a mochila da minha irmã estivesse em cima da mesa dela, a dona não estava em lugar nenhum. Ela era muito melhor em lidar com o frio do que eu. Outro dia mesmo, consertou o aquário dela sem reclamar uma vez sequer da água gelada. Pode até ser que eu não tenha moral para falar, mas até eu admito: *aquilo foi impressionante.*

“Quanta dedicação.”

Por outro lado, não fazia muito sentido elogiá-la se ela nem estava por perto para ouvir. De qualquer forma, passei os minutos seguintes daquele jeito, tremendo da cabeça aos pés.

Coincidentemente, meu celular também começou a tremer. Ou melhor, a vibrar. Achei que provavelmente era a Adachi me ligando, e sem surpresa nenhuma, era exatamente ela.

“Oi?”

“É que eu tava pensando… você quer fazer algo no Natal?”

Apesar das tentativas dela de esconder suas verdadeiras intenções, ainda era bem claro o que ela queria dizer. *Natal, hein? Já estava chegando mesmo, né?*

“Claro, por que não?”

Mal as palavras saíram da minha boca, as memórias do nosso Natal anterior invadiram minha mente. O que eu mais lembrava era da cor azul.

“Fico imaginando… como você vai se vestir dessa vez?”

Já fazia um tempo desde a última vez que eu a vi usando aquele vestido chinês, e não dava para negar que uma parte de mim definitivamente não se importaria de vê-la com ele de novo.

“Como você gostaria que eu me vestisse?”

Conhecendo a Adachi, eu provavelmente conseguiria fazê-la usar qualquer coisa que pedisse.

“……”

Ok, não desse jeito. Decidi nem sugerir o pensamento horrível que passou pela minha mente, só por precaução, caso ela levasse a sério.

“Algo normal já tá bom, acho.”

Depois de dizer isso, larguei o celular.

“Bom, vamos lá.”

Eu sabia que devia aumentar o aquecedor. Ao mesmo tempo, também queria me enfiar debaixo das cobertas e passar alguns minutos me aquecendo. Era óbvio o que ia acontecer se eu fizesse isso, claro, mas mesmo assim, simplesmente não consegui resistir à tentação.

“Zzz…”

Como era de se esperar, minha mente acabou apagando antes que meu corpo tivesse sequer a chance de se aquecer por completo.

***

Quando abri os olhos novamente, parecia que só um segundo tinha se passado. Meu primeiro instinto foi olhar para o relógio para ver que horas eram, mas antes de conseguir fazer isso, o que chamou minha atenção foi a pessoa descansando sobre o meu estômago. *Quem é que faz isso, usa o estômago de outra pessoa como travesseiro? Ainda mais deitada de bruços.*

Esse leão não tinha dificuldades para dormir assim?

"Zzz... Zzz..."

Que ronco simples. Quase simples demais... *Será que ela estava realmente acordada?*

"Ei, você. Criatura estranha."

"Está falando comigo?"

No mesmo momento, Yashiro levantou a cabeça. Não pude deixar de admirar sua percepção.

"Entre todos os membros da nossa família, você é com certeza o mais misterioso."

Agora, embora Yashiro tecnicamente não fosse um membro da nossa família, eu a considerava como tal. Principalmente pelo tempo que passava em nossa casa. Lembro que, outro dia, enquanto minha mãe estava fora comprando uns lanchinhos, ela comprou alguns para ela também. Parece que ela realmente se apegou a essa estranha criaturinha por algum motivo. Acho que ela a via como um cachorro ou algo assim, só que falante, que ria e perambulava por aí. E comia mais do que um cachorro normal. E brilhava.

"Eu queria dar uma carona pra ela, mas quando perguntei onde ela morava, ela respondeu 'no espaço'. Isso é bem longe."

"Hã? Essa é sua maior preocupação?"

"Tem alguma outra coisa pra eu me preocupar?"

"Sim!"

"Hmm. Bem, ela não é uma pessoa má, disso eu tenho certeza. Dá pra perceber só de olhar para o rosto dela."

"Aparências podem enganar. Bem, acho que não no caso dela, mas ainda assim..."

"Quer ver o rosto de uma pessoa má? É só olhar no espelho!"

"Faz sentido me compararem com a minha mãe o tempo todo."

Essa foi a reação da minha mãe. Quanto ao meu pai, ele uma vez disse algo como "ela está sempre por aqui", enquanto os dois passavam um pelo outro e trocaram cumprimentos, depois disso, nunca mais comentou sobre ela. Nossa família era meio assim, bem tranquila.

"Sou a única com uma pegada firme."

"Hahahaha."

O que seria esse riso?

"Enfim. Agora, por que você está dormindo em cima de mim?"

Não que fosse particularmente raro que isso acontecesse. Eu olhava para baixo e lá estava ela, dormindo. Ela era meio que um gato nesse sentido.

Primeiro um cachorro, depois um gato, depois um leão. Ela definitivamente tinha muitas faces.

"Achei que você estaria quente."

"Quente, é? Hmm... Ei!"

O que ela queria dizer chamando a barriga de alguém de "quente"? Belisquei suas bochechas e as puxei para puni-la pela resposta atrevida, mas mesmo com a pele fofinha esticada mais do que deveria ser possível, um sorriso alegre continuava no rosto dela. E também, como de costume, seu corpo estava estranhamente frio ao toque.

Ela estava dormindo com o rosto pressionado contra o meu estômago, mas nenhuma das minhas calorias tinha sido transferida para ela. *Que mistério.*

Bem, pensando bem, isso até fazia sentido; não era como se meu estômago tivesse algum tipo de elemento de aquecimento. Provavelmente não, pelo menos.

"Eu queria brincar com a Pequena, mas parece que ela está muito ocupada no momento", a garota explicou, suas bochechas ainda sendo esticadas até o limite pelas minhas mãos. *Ela estava ocupada demais para lidar com a Yashiro? Isso parecia um pouco estranho. Ou talvez não, eu suponho.*

Além disso — e eu sei que essa observação veio bem tarde —, por que exatamente ela a chamava de "Pequena"? Isso não tinha nada a ver com o nome real dela.

Momentos depois que eu a soltei, o rosto da Yashiro já havia voltado ao normal. Em seguida, ela puxou o capacete de leão para baixo, expondo seu cabelo azul. Passei os próximos momentos apenas observando-a. Havia algo muito fascinante sobre a cor incomum do cabelo dela, bem como a leve luz que ele emitia. Não era todo dia que você encontrava alguém com esse tipo de cabelo. Ou melhor, você nunca encontrava. Pelo menos eu nunca tinha visto.

"Que tal dormirmos um pouco mais?"

"Eu acho que seria mais quente para você se se encolhesse sob o cobertor", respondi rapidamente, parando a garota antes que ela pudesse deitar sobre o meu estômago pela segunda vez.

"Ah, você tem razão."

Com essas palavras, ela rolou de cima de mim. Em seguida, se enfiou no *futon*, e antes que eu percebesse, nós duas já estávamos deitadas lado a lado.

"Está muito quente."

"Graças a mim, sim. Melhor você ser grata."

Dei uma espiada na parede, apenas para ver que o interruptor do aquecedor ainda estava na posição "desligado". *Por quê?* Pensando melhor, percebi que tinha esquecido de ligar o aparelho mais cedo.

Além disso, não podia fazer isso agora. Eu estava presa debaixo das cobertas.

Yashiro estava tão fofinha, e ao olhá-la distraidamente, eu podia sentir o interior da minha cabeça se dissolvendo em fofura também.

Será que a Adachi ficaria brava se me visse assim? Foi isso que pensei enquanto minha mente continuava derretendo.

Ela honestamente poderia ficar. Não era difícil imaginar que ela faria isso. E ainda assim, ao mesmo tempo, eu não queria sair. Entre tentar resolver o complexo emaranhado que era esse assunto e me perder no sorriso inocente do rosto da Yashiro, eu escolhi felizmente a última opção. Era um pouco parecido com a forma como a Nagafuji via o mundo, eu suponho, mas também bem diferente.

"Bem, tanto faz."

"Wahaha."

Passei as mãos pelo cabelo da Yashiro, acariciando-o. A cada toque, pequenas partículas de luz se dispersavam. O que seriam aquelas coisas, na realidade? Algum tipo de fungo? Ou talvez esporos? Será que respirar isso infestava a mente de alguém, fazendo com que não questionassem sua presença? Não sabia o motivo, mas foi algo que pensei aleatoriamente. Mas provavelmente estava errada.

"Mal posso esperar pela janta."

"Você realmente adora comer, né?"

"Tanto quanto você adora dormir, Shimamura."

"É verdade."

Ambos os interesses eram muito verdadeiros para os nossos instintos.

"Você deveria passar mais tempo se divertindo enquanto ainda é jovem", Yashiro disse de repente. Ela falou com um tom de voz muito sério, que contrastava fortemente com o sorriso ainda no rosto. "Ouvi isso enquanto assistia televisão."

"É, eu imaginei."

Não era incomum ver tanto ela quanto a minha mãe deitadas na frente da TV juntas.

"Você não é mais jovem, Shimamura?"

"Hmm. Provavelmente não comparado a você."

"Hehehe. Ora, você deve ser cega."

"Err, não. Acho que não."

Por algum motivo, não estava sentindo que estava sendo elogiada aqui.

Não que juventude fosse tudo o que importasse. Longe disso.

Na verdade, o que significava ser jovem?

"Que tipo de terráquea era a Shimamura jovem?"

"Eu, só que mais jovem, eu acho."

Eu pessoalmente achava que ainda era bem jovem. Além disso, "terráquea"? Decidi que seria melhor não pensar muito sobre isso.

Havia algo sobre o calor do *futon* que fazia minhas memórias ficarem turvas, tornando fácil a mistura do passado com o presente.

Quanto a essas memórias, elas não eram nem tão suaves nem tão quentes.

"Na época do ensino fundamental..."

Muita coisa aconteceu. Honestamente, era difícil lembrar de tudo.

Para falar a verdade, definitivamente sentia que havia passado muito mais tempo correndo do que agora. Sim, exatamente. Era isso.

***

Até hoje, ainda consigo lembrar da sensação de nojo que senti ao entrar no ginásio no meu primeiro dia de ensino fundamental e ver os outros estudantes lá, todos vestidos com uniforme. Foi como se eu tivesse batido de cara contra uma parede — uma parede formada pelo ar denso que me atingiu. Uma parte de mim queria voltar. E ainda assim, eu continuei em frente; incapaz de dar nome à sensação que estava experimentando, deixei o fluxo me levar e me tornei parte dele. Assim começou a longa e entediante cerimônia de abertura, e com ela, meus longos e entediantes dias de escola.

Era o mês de abril naquela época, mas por algum motivo, o ar dentro do ginásio estava extremamente frio. Além disso, cada um de nós recebeu um lugar específico onde deveríamos ficar, e no meu caso, eu não podia contar exatamente com o sol para aquecer. O que eu percebi, no entanto, foi um pedaço de fita marcando uma parte da quadra de basquete bem embaixo dos meus pés. Decidi pisar nela. Ao fazer isso, senti meu pé sendo empurrado para trás.

Passei os próximos minutos olhando para o professor dando um discurso no pódio.

Não demorou muito até eu começar a sentir que já era o suficiente.

Inventando uma desculpa sobre precisar ir ao banheiro, deixei os outros para trás. Por que eu fiz isso? Eu não tinha muita certeza. Uma parte distante da minha mente me disse para agir, e foi essa a única motivação de que eu precisei. Continuei abrindo caminho pela multidão de estudantes. Estava difícil, mas não parei.

Sozinha, fui em direção à saída do ginásio.

Isso mesmo: eu estava sozinha.

Tarumi, a pessoa com quem eu brincava tanto no ensino fundamental, já não estava mais ao meu lado. Cheguei à conclusão de que nós duas provavelmente nunca mais iríamos nos ver. Não importava o quão próximas havíamos sido, isso agora era passado. Não tinha conexão com o presente. Não havia sentido.

Amizades, por sua natureza, não estavam garantidas para durar.

Elas precisavam de uma razão—uma desculpa—para existir.

Sentimentos amigáveis podiam até ser parte disso, mas apenas uma parte.

A cada passo que dava ao sair do ginásio, eu sentia a ansiedade tomando conta de mim.

“Talvez não tenha sido uma boa ideia.”

Era meu primeiro dia em uma escola nova, e já estava quebrando as regras. Como o vento tocando uma ferida exposta, ondas de desconforto me atingiram. Decidi parar o que estava fazendo e voltei.

Se eu voltasse agora, a ansiedade que me consumia por dentro certamente iria embora. E ainda assim. E ainda assim...

Não havia palavras para explicar o nojo que senti ao olhar para as costas dos estudantes reunidos no ginásio. O tédio absoluto, eu odiava isso. Não queria fazer parte disso. E o frio. Estava tão frio lá. Eu odiava sentir frio.

Fiquei ali, incapaz de dar o passo decisivo para frente.

Meu olhar lentamente se deslocou para o céu.

Através das folhas das cerejeiras já sem flores, pude sentir os raios de luz quentes caindo sobre mim.

Lá, finalmente, com o peso da luz suavemente pressionando meus ombros, minha mente alcançou a paz.

Como se estivesse abandonando uma parte de mim, comecei minha luta para deixar tudo para trás.

Eu me tornaria Shima Hougetsu.

(Nota: Ao encurtar seu nome de *Shimamura Hougetsu* (□□ □□) para *Shima Hougetsu* (□ □□), ela expressa seu desejo de se afastar do grupo e seguir um caminho próprio. Tirar o “mura” (□, “vila” ou “comunidade”) simboliza esse rompimento com o coletivo. “Shima” (□, “ilha”) reforça a ideia de isolamento voluntário e busca por uma identidade mais autêntica, fora da monotonia em que vivia.)

***

"Hmm? Ah, Shimamura", a garota falou enquanto colocava a cabeça para dentro da porta do ginásio. Decidi não responder e continuei me limpando do suor, apenas para ela tirar os sapatos e dar um passo para dentro. Do outro lado da porta que ela havia deixado entreaberta, eu podia ver membros dos outros clubes esportivos indo e voltando. O leve tom avermelhado que pintava a pista me indicou que hora era.

Eu estava bem certa de que o nome dela era... Ike? Hata? Ikehata? Não, não. Isso não parecia certo. Mizu... Gawa... Bem, quem se importava?

Ela era uma aluna do segundo ano, e eu havia acabado de conhecê-la. Não era tão irracional eu não lembrar o nome dela.

"O que você está fazendo?"

"Não consegue ver só de olhar?"

"Hmm. Eu diria que você está treinando em segredo."

Quase isso, mas não exatamente; eu não estava fazendo em segredo. Pensei em corrigi-la, mas como achei isso um pouco incômodo, acabei simplesmente lançando a bola que eu estava segurando.

A bola bateu na borda da cesta e ricocheteou. Rapidamente, fui atrás dela.

"Você faz isso todo dia?"

"Só quando estou afim."

Parece que a garota não estava planejando ir embora. Muito pelo contrário; quando virei de novo, ela já estava sentada perto da lateral da quadra.

"Não vai embora?"

Isso foi uma forma educada de dizer para ela ir embora.

"Vou te observar um pouco primeiro", ela respondeu.

"Hmm. Acho que tudo bem..."

Não era como se isso mudasse algo. Eu continuaria lançando a bola e correndo atrás dela do mesmo jeito.

"Isso meio que me lembra um cachorro brincando com um frisbee sozinho."

"Funciona quando você é tão habilidosa quanto eu."

Essa tentativa de resposta foi interrompida pela bola, que mais uma vez bateu na borda da cesta e ricocheteou. *Estranho. Normalmente, eu acertava uma porcentagem bem maior dos meus arremessos. Será que era porque eu tinha um público hoje? Provavelmente.* E, então, fingi que fosse culpa de outra pessoa. Foi quando a bola ricocheteou na cesta pela segunda vez que a garota abriu a boca.

"Eu me pergunto, por que você está aqui treinando sozinha depois das aulas, quando nunca leva a prática regular muito a sério?"

Me inclinei para pegar a bola, só para o suor que escorria pelo meu rosto entrar nos meus olhos.

"Mesmo que eu tentasse, a prática não me levaria a lugar algum."

Depois de fazer isso por mais de um ano, eu estava bem ciente dos meus próprios limites.

"Hmm. Enfim, você está treinando arremessos, né? Algum motivo em particular?"

"Sim. Cansei de só ficar quicando a bola."

As coisas deixam de ser divertidas quando você fica boa nelas. Por isso, eu decidi fazer algo diferente e me dedicar a fazer arremessos.

De alguma forma, eu tinha a sensação de que não iria me cansar disso tão cedo.

Observei enquanto a bola desenhava um belo arco no ar, apenas para, mais uma vez, bater na lateral da cesta e ricochetear.

"Você não é lá muito popular, sabe?"

A garota parecia se divertir bastante me vendo falhar repetidamente.

"É. Muita gente me odeia."

"Eu não disse isso."

Sim, mas foi isso que você quis dizer. Fui eu quem sorriu dessa vez.

"Já que todo mundo me odeia, não acho que vou comparecer ao jogo também."

"Hmm. Talvez seja melhor assim, já que você nunca passa a bola."

“Ahahaha”, a garota riu. Ela realmente não segurou a língua com esse comentário, e tudo o que pude responder foi um curto "sim".

"Mas por que, afinal? Por que você nunca passa a bola pra ninguém?"

"Simples. Eu acho muito mais divertido ficar com ela pra mim."

"Meio egoísta, não acha?"

Eu achava. Eu sabia que estava sendo egoísta. Se alguém não gostasse disso, eu não o culparia. Eu aceitava totalmente as consequências das minhas escolhas.

"Essas coisas realmente não são para mim."

"Hmm?"

"Jogos em equipe, quero dizer."

Ficou evidente que não só eu era péssima em fazer favores para as pessoas, como também era péssima em recebê-los.

Focar demais nesse lado das coisas foi o motivo de eu começar a achar os outros uma chatice. Dito isso, ultimamente, me peguei me perguntando, será que fazer isso realmente ajudou? Ou só complicou e tornou tudo mais incômodo? Se o problema fosse o clube, talvez eu devesse simplesmente desistir. Eu poderia praticar os arremessos no meu próprio tempo, como estava fazendo agora. Lancei a bola como já fiz tantas vezes, só para ela bater contra a cesta novamente.

"Sua mira é boa. Supondo que você esteja tentando acertar a cesta, claro."

“Está tentando?” ela acrescentou, ao que respondi com um curto "não", enquanto pegava a bola pela centésima vez.

"Será que minhas pernas não são fortes o suficiente ou o quê?"

"Eu acho que se você pular um pouco mais alto antes de arremessar, isso pode ajudar."

Que comentário casual, né? Será que ela não ouviu o que eu acabei de dizer? Ainda assim, fiquei me perguntando, se eu realmente conseguisse pular tão alto, isso me permitiria me livrar de todo o peso — toda a bagagem — que me prendia ao presente?

Mais uma tentativa. Mais uma tentativa, e se eu não acertasse, terminaria por hoje. Não é que, no fim, eu nem cheguei perto?

Respirei fundo e limpei o suor do nariz. Decidi que já estava bom.

Então, virei minha atenção para a garota que ainda estava sentada ali.

"Ei, hum..."

"Sim?"

"Eu consigo ver dentro da sua saia."

"Ah!"

Visivelmente envergonhada, ela imediatamente se apressou para endireitar a postura e puxar a barra da saia para baixo.

"Por que você não disse logo? Você é uma tarada ou algo assim?"

"Cala a boca."

"Se eu perguntasse de que cor é, você saberia responder?"

"Hmm..."

Não tinha certeza do que deveria dizer a isso. Então, decidi não dizer nada, dando preferência a ajeitar o lugar. Quanto à garota, ela permaneceu completamente imóvel. Mesmo depois de eu lançar alguns olhares na direção dela, ela se recusava a levantar e me ajudar. *Nenhum respeito pelos mais velhos, hein?* De alguma forma, eu sentia que tinha o hábito de me envolver com pessoas como ela. Ainda assim, considerando que ela ainda estava ali, parecia que ela planejava esperar até que eu terminasse, pelo menos.

"Os outros podem te odiar, Shimamura, mas eu não."

"Sério? Bem, obrigada."

Já tínhamos saído da escola e estávamos indo para casa. Foi lá que a garota me disse essas palavras. Soaram frias, quase como se ela tivesse dito só por educação. Continuei caminhando por um tempo antes de me virar para encará-la.

"Por que isso? O que em mim você não odeia?"

"Hã? Ah, err... Eu acho que só é agradável conversar com você."

Sério? Pelo tom de voz dela ao dizer isso, eu poderia ter adivinhado o oposto.

"Você parece tão... como dizer... antipática quando a gente conversa."

"E isso é agradável?"

De novo, para mim, isso parecia algo que deveria ter provocado o sentimento oposto.

Ouvi a garota murmurar algo para si mesma enquanto virava a cabeça.

"Eu meio que já não esperava muita coisa disso tudo. E honestamente, é melhor assim. Bem mais simples. Se a gente não é amiga, então tanto faz o que eu digo. Nada importa. Uma pessoa assim vale ouro, eu acho."

"Hmm. Valioso..."

Acho que isso fazia sentido; a sala de aula era pequena, mas você ainda precisava de pessoas para interagir.

Além disso, sempre havia a possibilidade de que, se você irritasse um amigo, e os outros seguissem o exemplo, você acabaria se encontrando completamente sozinho.

Pensando assim, era perfeitamente lógico que ela tivesse me escolhido — eu não tinha laço algum com ninguém.

Se algum dia eu ficasse com raiva dela, bem, e daí? Ela só perderia a mim.

Só a mim. Somente a mim.

"Não há nada melhor do que poder conversar sem precisar usar a cabeça, não acha?"

"....."

O que eu achava? Olhando para nossas interações anteriores, das quais mal lembro agora, eu diria que sim, eu realmente me diverti.

Eu me diverti, o que significa que eu deveria continuar seguindo o mesmo caminho. Isso parecia lógico. E ainda assim, por algum motivo, a dúvida ainda permanecia na minha mente.

"Bom, até mais então."

"Certo. Até amanhã."

Aparentemente, a garota morava relativamente perto da minha casa. Por isso, muitas vezes saíamos da escola juntas como fizemos hoje e caminhávamos até o lado da área residencial lado a lado. Lá, trocávamos cumprimentos mornos antes de nos despedirmos. Mais uma vez, como tantas vezes antes, acabou sendo exatamente assim. No entanto, hoje, algo estava diferente; com apenas alguns passos de distância entre nós, o brilho do sol no canto do meu olho conseguiu trazer um certo pensamento do fundo da minha mente à tona.

"Ei."

"Sim? O que foi?"

Apontei meu dedo para o sol, fazendo com que a garota voltasse o olhar para cima.

"Hmm, sim. É bem bonito."

Embora fosse verdade, não era isso que eu queria dizer. Não, era a luz em si que importava.

A cor dela.

"A cor", eu enfatizei enquanto movia meu dedo.

"Hmm?"

Parecendo um pouco confusa, a garota virou a cabeça novamente para o sol. Ela ficou olhando para ele por alguns momentos, quando, de repente, um leve suspiro escapou de sua boca. Um olhar rápido para o tom suave de vermelho que apareceu em seu rosto deixou claro que ela finalmente havia entendido o verdadeiro significado por trás das minhas palavras.

Como se quisesse afastar qualquer suspeita, ela rapidamente baixou o olhar e deu uma olhada rápida em seu vestido.

"Isso é uma forma bem sentimental de falar coisas pervertidas!" ela gritou para mim. Ou melhor, berrou. Dava para ouvir claramente a tremulação na sua voz.

"Err, mas foi você quem..."

Eu não tive tempo de terminar a frase; com um sorriso alegre no rosto, a garota se virou e correu. *O que ela achou tão engraçado nisso tudo? Eu não fazia ideia. Isso importava? Não, nem um pouco.*

"Hmm. Tanto faz."

As chances de que nunca mais nos víssemos depois da formatura eram grandes.

Eu não significava nada para ela. O que eu pensava, não importava.

Era justamente por causa dessa combinação de fatores que ela conseguia relaxar tão facilmente comigo.

***

Nosso relacionamento continuou praticamente o mesmo a partir de então. Conversávamos, sim, interagíamos, mas mesmo quando fazíamos isso, sempre havia uma clara sensação de distância entre nós.

Em nenhum momento me dei ao trabalho de lembrar o nome dela.

Nada de extraordinário aconteceu até o dia da formatura, quando nos separamos de vez.

Lembrando disso agora, estava claro que aquela experiência teve um grande papel em me fazer a pessoa que eu era ao começar o ensino médio.

***

"...E foi mais ou menos isso que aconteceu com ela."

"Entendi, entendi."

Um suspiro escapou da minha boca enquanto eu terminava essa longa história do passado. Eu estava honestamente um pouco surpresa com o quanto eu ainda lembrava de tudo.

Mas, pensando bem, fazia sentido; só haviam se passado dois anos desde os meus tempos de ensino fundamental.

A única razão pela qual eu sentia que tinha sido mais tempo do que isso era porque o ano que passei com a Adachi foi muito mais intenso do que a maioria.

Tanto nos bons quanto nos maus momentos, ela começara a sobrepor outras memórias minhas.

Será que um dia chegaria um momento em que as memórias com a Adachi seriam tudo o que eu teria? Talvez. Eu conseguia ver isso acontecendo.

"Hmm, hmm."

"Você estava mesmo prestando atenção?"

"Sim, sim. Claro. Eu ouvi tudo."

Embora Yashiro parecesse muito confiante, seus olhos fechados contavam uma história diferente.

"Acho que foi melhor para ambas que eu não tenha te conhecido na época do ensino fundamental."

De jeito nenhum o 'eu' de então teria sequer reconhecido essa bolinha quente e fofa.

Foi só no presente que eu pude deitar ao lado dela.

Seria o destino que nos uniu? Ou foi apenas sorte? Claro, eu sabia bem qual seria a resposta dela para essa pergunta.

"Deve ser o destino."

"Isso mesmo."

Eu não tinha motivo para discordar disso. Em vez disso, escolhi fechar os olhos novamente e deixar minha mente consciente desaparecer.

Como cair por um vasto vazio de nada, sem vento que me desacelerasse, eu sentia que estava lentamente me aproximando da terra dos doces sonhos.

Eu amava essa sensação, esse momento de tranquilidade. Se tivesse que adivinhar, diria que meu amor pelo sono provavelmente significava que eu o experimentava muito mais do que as outras pessoas.

Que sorte, realmente.

Eu ouvi minha irmã abrir a porta, mas até isso parecia tão distante.